

MÓIN-MÓIN

REVISTA DE ESTUDOS SOBRE TEATRO DE FORMAS ANIMADAS:
A ATUAÇÃO DAS MULHERES NO TEATRO DE ANIMAÇÃO

Florianópolis, v. 2, n. 23, p. 255 - 269, dez. 2020

E - ISSN: 2595.0347

Pioneirismo feminino no teatro de bonecos no Brasil: Memórias de uma trajetória pessoal

Clorys Daly

Associação Brasileira de Teatro de Bonecos (ABTB)



Figura 1 – Clorys Daly no Arena Clube de Arte, 1965. Foto: Gene Daly.

DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/2595034702232020255>

Resumo: O presente artigo consiste em um relato da autora, Clorys Daly, sobre sua trajetória desbravando ambientes tradicionalmente masculinos; do momento da criação dos primeiros festivais de teatro de bonecos no Brasil, passando pela criação da Associação Brasileira de Teatro de Bonecos (ABTB), do *Circo de Marionetes Bem-Me-Quer* aos dias de hoje. Clorys reconta sobre o papel de sua mãe como fonte de inspiração feminina, sobre a percepção da época sobre seu trabalho enquanto mulher no teatro e teatro de bonecos e o assédio sofrido para a conquista de seu espaço. Em 2016 aos 82 anos Clorys tornou-se Cidadã Honorária da Cidade do Rio de Janeiro pelos seus serviços ao teatro de bonecos. Em 2020, aos 86 anos, Clorys relata sua motivação para continuar ativa no teatro de bonecos. Clorys conclui com seus desejos e votos para as novas gerações. Este escrito tem por intuito estimular novas gerações de bonequeiras e produtoras a continuarem abrindo e batalhando pelos seus espaços no teatro de animação.

Palavras-chave: Mulher no Teatro de Animação. Associação Brasileira de Teatro de Bonecos. Festival de Teatro de Bonecos. Circo de Marionetes. História do Teatro de Bonecos Brasileiro.

Women's pioneering role in Brazilian puppetry: Memories of a personal trajectory.

Abstract: This article consists in an account about the author's, Clorys Daly, pioneering trajectory in traditionally male-dominated spaces; from the creation of the first puppetry arts festivals in Brazil, through the founding of the Brazilian Puppetry Association (ABTB), the Bem-Me-Quer Marionette Circus, up to present days. Clorys retells how her mother was an inspirational woman and discusses the perception of her time on her work as a woman in theater and puppetry as well as the harassment suffered to conquer her space. In 2016 at age 82 Clorys became an Honorary Citizen of Rio de Janeiro City for her services to puppetry. In 2020 at age 86, Clorys states her motivation to continue to be active in puppetry arts. She concludes with her wishes and hopes for new generations. This work seeks to stimulate new generations of female puppeteers and producers to keep opening and fighting for their spaces in the puppetry arts.

Keywords: Women in Puppetry. Brazilian Puppetry Association. Puppetry Festival. Marionette Circus. History of Brazilian Puppetry.

No teatro de bonecos, assim como em todos os setores, a atuação da mulher teve que conquistar palmo a palmo seu espaço e reconhecimento. Ofereço aqui um pequeno relato em prosa sobre minha trajetória com os bonecos, desbravando ambientes masculinos; do momento da criação dos primeiros festivais de teatro de bonecos no Brasil, passando pela criação da Associação Brasileira de Teatro de Bonecos (ABTB), aos dias de hoje. Espero, assim, poder estimular novas gerações de bonequeiras e produtoras a continuarem abrindo e batalhando pelos seus espaços.

Minha história com o teatro de bonecos, hoje teatro de animação, começou há muitos, muitos anos atrás. Neste ano de 2020 completei 86 anos! Mas, para entendermos os desafios que tive como mulher ao longo deste caminho é preciso começar pelo começo. Nasci em Três Barras no interior de Santa Catarina no dia 15 de março de 1934. Nasci em casa e de parto pélvico, comumente chamado pelas parteiras de “bumbum virado para a lua”, o que minha mãe relatava com muito humor pressagiando minha sorte na vida. Tínhamos uma vida confortável.

Meu pai, Estanislau Wisnerowicz, filho de polonês, trabalhava para a empresa americana Lumber, a maior serraria da América Latina¹. Minha mãe, Donina Rodrigues, muito valente e sociável, dava aulas e organizava a maior parte das festas na cidade pequena e, neste contato com estrangeiros, aprendeu assim a falar o inglês rapidamente, uma raridade para o Brasil da época (vejam bem, ela nasceu em 1906!).

E assim foi minha vida até os 7 anos. Tranquila, confortável, eu tinha até babá... Quando meus pais chegavam em casa sua diversão era me pôr em cima da mesa e pedir para eu fazer discurso. Eu adorava e não parava de falar e gesticular; aproveitava o momento, pois minha babá era muda. Ali acho que foi meu primeiro despertar para a arte da interpretação... Em um dado momento, a Lumber foi encampada pelo governo e quando completei 8 anos meu pai foi transferido para o Rio de Janeiro, para total alegria de minha mãe que sonhava com a Cidade Maravilhosa.

¹ Southern Brazil Lumber & Colonization Company.

Foi dura a realidade da cidade grande. Mesmo salário, muitas responsabilidades financeiras nunca antes enfrentadas, mas naturalmente minha mãe não deixaria a peteca cair. Como muitas mães batalhadoras, ela fez de tudo um pouco; artigos de crochê para vender de porta em porta, costurava para a vizinhança e até se fazendo valer de seus conhecimentos de inglês, passou a dar aulas de português para estrangeiros. Sempre pensando no melhor para seus filhos e já trabalhando na Biblioteca do Serviço Especial de Saúde Pública, ela conseguiu matricular eu e meu irmão no Lycée Français, atual Colégio Franco Brasileiro. Sua tenacidade inabalável foi uma grande inspiração.

A determinação de minha mãe para aprender inglês e fazer uso dele também mudaram minha vida. Ela havia sido contratada para dar aulas a um grupo de militares americanos – *Marines* – que havia chegado para fazer a segurança da Embaixada Americana (hoje, Consulado). Neste grupo havia um rapaz que a procurou por último e ela já não tinha horário. Sugeriu, então, que ele fosse praticando com sua filha, até que se abrisse um horário na sua agenda. Eu, 15 anos, logicamente queria muito aprender inglês. E foi assim que ela perdeu o aluno, eu ganhei meu primeiro namorado e, já adivinharam, meu marido, Eugene Daly, meu companheiro por mais de 60 anos e meu grande incentivador de minha jornada com os bonecos.

Anos 50 e nós estávamos namorando quando estourou a guerra da Coréia! Ele imediatamente se colocou como voluntário a serviço de seu país para seguir para a guerra. Pediu-me em casamento. Meus pais não queriam, eu era muito nova, mas acabaram concordando e ficamos noivos dia do meu aniversário de 17 anos. Pensavam, naturalmente, que ele iria para a guerra, e aos poucos iríamos desistir desse amor juvenil... Só que ele acabou não sendo transferido e nos casamos no dia 22 de dezembro de 1951!

E assim fomos para os “States” de navio, no SS Brasil da Moore-McCormack, 13 dias do Rio de Janeiro até o porto de New York. Lá me esperava uma comitiva da família Daly, muitos dos quais, naturalmente, não aprovavam o casamento de seu caçula de nove irmãos com uma latina que ainda por cima não dominava o inglês. Foi uma difícil conquista, mas aos poucos consegui o afeto de toda a família.

Foram 5 anos de Estados Unidos, um verdadeiro doutorado! Aprendi um pouco de tudo, principalmente, o inglês. Aprendi datilografia e taquigrafia em inglês, o que muito me valeu de volta ao Brasil, pois naquela época inglês não era tão corriqueiro como agora e taquígrafa em inglês... acho que eu era a única! A saudade era muito grande. Eu aguardava o carteiro e de longe via se ele trazia envelopes com as bordas verde e amarelo, que só podia ser carta de minha mãe. Éramos muito poucos brasileiros nos Estados Unidos nos anos 50. A mãe foi nos visitar e com sua vontade férrea deu um jeito de convencer meu marido voltar para o Brasil, novamente mudando minha jornada.

Lembro-me que eu sempre quis fazer teatro, mas meu pai foi contra! Não era coisa para mulher direita! Naquela época, e antes dela, as coisas eram diferentes (DALY, 2015b). De volta ao Brasil, já casada e tendo morado no exterior, meu pai, que nunca aprovou meus arroubos pelo teatro, me entregou um recorte de jornal, estavam abertas as matrículas para o Conservatório Nacional de Teatro², com a seguinte pérola: **agora** quem manda é seu marido, vê se ele concorda....

Mas a sorte sempre andou comigo. Meu querido marido era uma raridade. Mantivemos em nosso casamento uma coisa muito importante: nossa individualidade. E, além disso, ele me apoiava em tudo aquilo que eu decidia fazer... não sem antes fazer suas ponderações num diálogo de igual para igual – éramos parceiros! O meu querido “Gene” logicamente concordou e me matriculei no Conservatório. De dia trabalhava na Esso Brasileira de Petróleo, emprego que consegui graças ao inglês e estenografia... e à noite frequentava as aulas no Conservatório.

Alguns obstáculos na minha trajetória com os bonecos estavam lá já desde o início da minha vida profissional em geral. Enfrentei muito assédio nos 9 anos e meio em que trabalhei na Esso. Inicialmente, eu era secretária do gerente geral de vendas e lidava com vendedores de todo o Brasil. De um modo geral, os vendedores não sabiam fazer seus relatórios em inglês e eu os ajudava. Muitos confundiam essa minha ajuda espontânea e já passavam a fazer convites

² Posteriormente, Escola de Teatro da UNIRIO.

para almoço ou até um drink depois do expediente... E foi na Esso também que enfrentei muita competição feminina, infelizmente. Principalmente quando acompanhei o chefe promovido a diretor e fui de mudança para o “sexto andar”, que só abrigava diretores e suas secretárias. Foi um período de muito difícil adaptação. Todas as secretárias tinham muitos anos de casa, todas bem mais velhas do que eu, e não me perdoavam por ter sido promovida e ter passado a receber o mesmo salário que elas.



Figura 2 – Clorys no espetáculo *A menina e o mágico* de autoria de Cláudio Ferreira.
Foto: Edison Baptista.

Minha entrada para o teatro de bonecos veio a partir do teatro, começado no Conservatório. No Conservatório fui aluna da Maria Clara Machado e participei da fundação do TUCB – Teatro Universitário Cultural do Brasil, sob o comando do professor e diretor Orlando Macedo. Como era do meu temperamento assumi mil funções, era um verdadeiro faz tudo, e qual não foi minha decepção quando descobri que a peça escolhida para nossa estréia *À Sua Imagem* de Pierre Lescure, tradução de Gustavo Doria... não tinha papel feminino... virei relações públicas do grupo... As apresentações foram nos jardins do Palácio Guanabara, num espaço criado pelo arquiteto Wilson Chebar. Como atriz trabalhei em diversos espetáculos, mas o mais marcante para mim foi *A Beata Maria do Egito* de Rachel de Queiroz. Estivemos em sua residência e ela

aprovou a encenação pelo TUCB para apresentação num Festival em Belo Horizonte. Posteriormente a peça fez muito sucesso na sua temporada com Glauce Rocha.

Na Esso conheci Cláudio Ferreira, que estudava à noite na Escola de Teatro Martins Penna, e resolvemos deixar os empregos para fazer teatro profissional, o sonho de todo iniciante. Nosso primeiro empreendimento foi alugar um espaço em Copacabana, mais precisamente à rua Barata Ribeiro 810, sobreloja, onde fundamos o Arena Clube de Arte, espaço para 80 pessoas, estilo café-concerto. Estava indo bem, principalmente pelo inusitado da proposta, que durante o dia oferecia aulas de ballet, ginástica, etc., para ajudar pagar o aluguel, pois os espetáculos à noite não cobriam as despesas.

Tive a sorte de ter sido reconhecido o trabalho que desenvolvia em praças públicas durante os festejos do IV Centenário do Rio de Janeiro em 1965. Apresentávamos o espetáculo *Auto do Boi Guerreiro* de autoria de Cláudio Ferreira (baseado no Bumba Meu Boi), tendo à frente do elenco Grande Othelo (DALY, 2019). Com texto delicioso, mais tarde viria a ser encenado com bonecos e fez parte de nosso repertório durante muitos e muitos anos, cabendo a mim interpretar a personagem Catirina.

O *Auto do Boi Guerreiro* foi o espetáculo que indiretamente marcou minha entrada no teatro de bonecos. Dona Lotta de Macedo Soares, idealizadora do Parque do Flamengo, havia assistido o espetáculo e mandou um emissário chamar o responsável por aquelas apresentações para uma conversa em seu escritório no Horto... mandou chamar “o responsável”... Isso se repetiu inúmeras vezes... sempre queriam falar com **O responsável**..., mas não me incomodava, afinal era um universo totalmente masculino. Vejam bem, estou falando de 55 anos atrás...

La fui eu, mas com Dona Lotta não houve nenhum problema, ela mesma comandava uma enorme equipe de engenheiros, desenhistas, peões a partir de um barracão no Parque do Flamengo. Nesse encontro, que me pareceu muito rápido, só o que me ocorre é que foi uma empatia instantânea, ela já me deu as chaves do Teatro de Marionetes e Fantoques do Parque do Flamengo, hoje Teatro Carlos Werneck. Este teatro era a paixão de Dona Lotta e ela queria que

ali fossem apresentados aos sábados e domingos espetáculos de Guinhol para a criançada.

E foi assim que iniciei nesta longa jornada do teatro de bonecos e sempre queriam falar com “o responsável” pelo espetáculo, pelo projeto, pelo espaço, pela pauta.... até que se conformavam que tinham que falar comigo.... Eu nunca me intimidei, a verdade é que nunca parei para pensar no assunto. Era muito ousada, quando metia uma coisa na cabeça, não parava para pensar. E sempre fui dona da companhia, junto com Cláudio é verdade, mas facilitava não ter que dar satisfações a um superior, como em todos os meus empregos como secretária, secretária executiva, assistente, tanto nos Estados Unidos como no Brasil.

Ao receber as chaves de Dona Lotta tivemos que nos dividir para cuidar dos dois espaços. O Teatro de Marionetes e Fantoques acabou sufocando nosso Arena Clube de Arte. Este também sufocava com o lançamento do Teatro de Arena³ que fez muito sucesso com o espetáculo *Opinião*, tendo no elenco inicialmente Nara Leão, substituída por Maria Bethânia. Um detalhe é que na época, ditadura militar, os textos tinham que ir para a Censura e muitas vezes vinha um representante da Censura assistir ao espetáculo. Se nossos espetáculos não sofreram censura, tivemos colegas que passaram por isto e tinham histórias para contar ao pé do ouvido. Eventualmente fechamos o Arena Clube de Arte para nos dedicarmos às nossas atividades com os bonecos.

Para movimentar o Teatro de Marionetes e Fantoques do Parque do Flamengo e descobrir artistas que se dedicavam ao Teatro de Bonecos, decidimos organizar um Festival. O *I Festival de Teatro de Marionetes e Fantoques do Parque do Flamengo* aconteceu em 1966 e aí realmente foi fincado meu envolvimento com o teatro de animação (DALY, 2015a). O primeiro festival foi um enorme sucesso, eu não conseguia acreditar na fila de carros de reportagem enfileirados ao lado do teatro querendo entrevistar o produtor... que na verdade era a produtora. Aos poucos fui me afastando do sonho de ser atriz

³ O Teatro de Arena no Rio de Janeiro ficava no Shopping dos Antiquários/Shopping Cidade Copacabana na rua Siqueira Campos número 143, segundo piso, posteriormente Teatro Tereza Rachel e Teatro Claro Rio.

e me dedicando à produção. Considero até hoje que o I Festival foi minha grande produção, sem patrocínio deu tudo certo e nasceu uma paixão...

O I Festival foi seguido pelo II em 1967 e pelo III em 1968, já no Teatro Novo, belíssimo teatro na Gomes Freire, que veio abrigar mais tarde a TVE (DALY, 2015a). Em reconhecimento ao nosso trabalho, o Embaixador Donatello Grieco, então Diretor do Departamento Cultural do Itamaraty e Presidente do Júri do III Festival, nos ofereceu uma viagem de estudos onde escolhêssemos. Foi assim que passamos dois meses acompanhando a montagem do *Mágico de Oz* no teatro do Bil Baird Marionettes⁴, em New York, mais precisamente no Village. Foram meses intensos e consegui acompanhar todo o trabalho, da produção até a estreia. Fiquei deslumbrada! Pronto, estava irremediavelmente envolvida pelo teatro de bonecos. Um detalhe interessante é que sempre fui muito desinibida, falante, não tinha medo de enfrentar uma plateia como atriz, mas tive muita dificuldade de atuar manipulando um boneco, ficava completamente encabulada. Meu primeiro personagem foi o Dr. Pirulito, o macaquinho sabido.

Bom, se sofri preconceito? Com certeza! Depois da realização desses festivais nossos nomes, meu e do Cláudio Ferreira, eram sinônimo de teatro de bonecos.

Então quando o *Petit Théâtre de Paris*, remanescente dos *Piccolli di Podrecca*, precisou de uma empresa responsável para entrar no Brasil, eles fizeram contato com Cláudio. Fomos responsáveis pela sua excursão vindo da Argentina até o Rio de Janeiro e acabaram se apresentando na festa de encerramento do II Festival que foi realizada no Copacabana Palace (DALY, 2015a). Alfa Berry, diretor da companhia, praticamente se recusava falar comigo. Só aceitava conversar com o Cláudio presente.

A Cia. Internacional de Marionetes Rosana-Picchi fez também sob nossa responsabilidade uma temporada de um mês no Teatro João Caetano, capacidade quase 1500 pessoas, lotado em todas as sessões e o Sr. Picchi também só queria conversar com o Cláudio, mas sabia que quem fazia as coisas

⁴ Bil Baird (1904-1987) foi um ilustre bonequeiro americano, notável por seu número de marionetes *O Pastor Solitário* no filme *A Noviça Rebelde* em 1965 (ABRAMS, 2012).

acontecerem era eu à frente da companhia. Eu e Cláudio nos dividíamos bem, eu agia na frente e ele nos bastidores.

O sucesso foi tamanho que nos aventuramos numa excursão partindo do Rio pelas capitais do nordeste e até Manaus. Seis toneladas de material! Sucesso em todas as praças, preconceito em todas as cidades, e principalmente assédio, pois época da mini saia, casada, muitas vezes viajando sem o marido... era inaceitável que fosse uma mulher séria....

Por exemplo, quando fui recebida pelo prefeito de uma das primeiras cidades que agendamos, enquanto eu me esforçava para expor nossas intenções e propor talvez uma noite de estreia beneficente, o Sr. Prefeito murmurava um convite para jantar com ele aquela noite.... custei a entender e me despedi sem ter conseguido expor minhas ideias. Procurei sua mulher e com ela consegui acertar os detalhes.

De volta dessa excursão foi dado o início a uma longa troca de correspondência com os dirigentes da *Union Internationale de la Marionette* (UNIMA) que se mostravam interessados em saber mais sobre o movimento de teatro de bonecos no Brasil. Depois da descoberta da existência de uma entidade tão importante como a UNIMA e desta troca, compareci ao I Festival Internacional promovido pelo *Puppeteers of America* em julho de 1971 em Nashville nos Estados Unidos. Tendo recebido convite para ser Representante da UNIMA no Brasil, senti a necessidade de criar uma associação para reunir os artistas que se dedicavam à arte dos bonecos (DALY, 2015a).

Não foi uma tarefa muito fácil, mas aos poucos fui conseguindo convencer os futuros associados e associadas da importância de termos uma associação oficial para podermos participar em condições de igualdade com os demais. E, oficialmente, a criação da Associação Brasileira de Teatro de Bonecos (ABTB) aconteceu no dia 27 de abril de 1973 com adesão oficial de 16 pioneiros!⁵

Depois, com Cláudio Ferreira, criamos o *Circo de Marionetes Bem-Me-Quer*, com o qual passamos 9 anos na estrada e me tornei dona de circo (DALY

⁵ Em ordem alfabética: Ângela Daly, Carmosina Araújo, Cláudio Ferreira, Clorys Daly, Daisy Schnabl, Danilo Melo, Elza Milward Dantas de Araújo, Eny Lacerda Ribeiro, Francisco Eustáchio Dias, Gene Daly, Maria Luiza Lacerda, Oscar Bellan, Paulo Sérgio Futscher, Rogério Bellan, Veridiano Araújo e Virgínia Valli (DALY, 2019, p.19).

2019). O Circo foi inaugurado em Brasília em janeiro 1979, ficamos um ano no Plano Piloto e nos apresentamos também nas cidades satélite. Fizemos então um longo roteiro, começando por Goiânia, Caldas Novas, entrando por Minas, Uberlândia e Uberaba, seguindo pelo interior de São Paulo até chegarmos à capital, onde armamos o Circo na Praça Roosevelt e lá ficamos por mais de 2 anos.

Nessa jornada circense, os obstáculos não eram apenas a dificuldade em arranjar patrocínio, mas também o preconceito e assédio, sempre presentes. Relutavam em aceitar que eu era a “Secretária de Frente” (na linguagem circense) e me deixavam esperando horas a fio para ser recebida pelo Prefeito, tomando cafezinho na sala de espera, ouvindo gracejos ou elogios que fingia não ouvir... Trajava minha indumentária de visitar Prefeito: minha melhor roupa e a inseparável aliança... mas nem sempre a aliança era levada em consideração!

Trabalhei em todas as produções do Circo de Marionetes, como mestre de cerimônias e atriz bonequeira. Meus preferidos foram meu primeiro fantoche, Dr. Pirulito, o macaquinho sabido e, do *Auto do Boi Guerreiro*, meu fantoche de cabeça, Catirina (manipulada presa à cabeça da bonequeira). Estive também no elenco da belíssima produção *Viva a Nau Catarineta* de autoria de Altimar Pimentel, que muito me impressionou.

Outro marco, desta vez cômico, foi uma encenação muito interessante: *A Noite das Mulheres de Circo*, organizada por Ruth Escobar, quando no palco só havia mulheres e os convidados eram todos homens, artistas de circo! Para esta noite tão especial, estava previsto que eu trajasse um longo. Porém, o vestido de “lurex”, um novo material comprado na famosa rua 25 de março em São Paulo, e feito às pressas, acabou ficando muito transparente com a iluminação do palco para toda a plateia masculina. Meu marido, sempre tão compreensivo, ficou muito aborrecido e reclamou que não precisaria exibir minhas pernas daquela forma...

Apesar das dificuldades de uma mulher ocupando ambientes masculinos, foi devido à dedicação ao teatro de bonecos que consegui fazer, ao longo dos anos, duas coisas com as quais sempre sonhei: fazer teatro e viajar! Após o

Circo, tempos mais favoráveis à atuação da mulher, continuei no teatro de bonecos na função de produtora, com destaque para o espetáculo *Fios Mágicos* com o marionetista Gabriel Bezerra, discípulo do saudoso Cláudio Ferreira (CBTIJ, 2008). Também fui como presidente da Associação Rio de Teatro de Bonecos (ARTB) por dois turnos, de 1999 a 2003-2007, quando organizamos o I FEST-RIO de Teatro de Bonecos em 2004 e o II FEST-RIO de Teatro de Bonecos em 2007 entre outros eventos (DALY, 2015b).



Figura 3 – Clorys recebendo o título de cidadã honorária na Câmara Municipal do Rio de Janeiro, 27/4/2016. Da esquerda para direita: Clorys Daly, Ana Paula Brasil, vereador Reimont Otoni e Humberto Braga. Foto: Marilisa Santos.

Já me perguntei algumas vezes se estou na reta final. Mas, isso só acontece quando me lembro da minha data de nascimento, pois, de um modo geral, esqueço completamente que sou idosa, apesar de algumas dificuldades com as quais convivo diariamente. Já tentei me aposentar, aliás, aposentada já

estou, mas tentei pendurar as chuteiras. Não dá. O teatro de bonecos é viciante e não quero reabilitação!

Em 2016, aos 82 anos, tive a felicidade de ser contemplada pela Câmara Municipal com o título de Cidadã Honorária da Cidade do Rio de Janeiro pelos meus serviços ao teatro de bonecos.⁶ Em 2019, aos 84, lancei meu primeiro livro: *Espera Feliz. O Circo de Marionetes Bem-Me-Quer e suas Andanças*. Em 2020, aos 86, fiz as minhas primeiras apresentações “Live” nas mídias sociais (ANIMANECO JOINVILLE, 2020 e CIA EPIDEMIA DE BONECOS, 2020). Apesar de muito incomodada com minha falta de maestria nas novas tecnologias, segui em frente com o incentivo de minha “netinha” de 35 anos, Gabriela Daly e com a assessoria de minha “fiel escudeira”, minha irmã Marilisa dos Santos.



Figura 4 – Lançamento do livro *Espera feliz* na Academia Nacional de Letras e Artes, 1º de abril de 2019. Foto: Paulo Rodrigues.

⁶ Decreto legislativo nº 1.224, de 27 de abril de 2016.

Em 2023 estaremos comemorando 50 anos da fundação da ABTB que resiste heroicamente às dificuldades para sobreviver, provando que teatro de bonecos não é só coisa de criança, mas coisa de criança de todas as idades! Não poderia deixar de recomendar às novas gerações que tenham um olhar de muita seriedade para com o teatro de bonecos: estudando, pesquisando, trocando informações com artistas de diferentes técnicas, assistindo espetáculos sempre que possível, cuidando da voz e do corpo. As novas gerações podem, ao contrário das antigas, tomar proveito do fato de que o teatro de bonecos chegou às universidades e o acesso à informação é maior. Além disto, os que tem o dom de encantar podem explorar novas possibilidades com a internet.

Para finalizar gostaria de prestar uma homenagem à minha mãe, mulher à frente de seu tempo que, com pulso firme me orientou para ser eu mesma, ter orgulho de ser mulher, e nunca aceitar quando meu pai dizia... “isso não é coisa de menina” ... E VIVA O TEATRO DE BONECOS!



Figura 5 – Clorys e Catirina na Academia Nacional de Letras e Artes, 1º de abril de 2019.
Foto: Paulo Rodrigues.

Referências

- ABRAMS, Steve. Bil Baird [William Britton Baird] (em inglês). World Encyclopedia of Puppetry Arts, 2012. Disponível em <https://wepa.unima.org/en/bil-baird/>. Acesso em: 29 set. 2020.
- ANIMANECO JOINVILLE. Mesa: Reflexões, experiências e pesquisas da atuação da mulher no Teatro de Animação. 2º Seminário de Teatro de Animação de Joinville. Mediação: Profa. Dra. Sassá Moretti (UFSC, SC). Convidadas: Clorys Daly (RJ), Verônica Gehrmannn (SP), Catarina Calungueira (RN), 30 ago. 2020. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=7xk4VS04hCM>. Acesso em: 28 set. 2020.
- CBTIJ (Centro Brasileiro de Teatro para Infância e Juventude). Acervo Clorys Daly, 2008. Disponível em <https://cbtij.org.br/categoria/acervo/clorys-daly-acervo/>. Acesso em: 28 set. 2020.
- CIA EPIDEMIA DE BONECOS. Conhecimentos, histórias e memórias com Clorys Daly. Mediação Izabel Vasconcelos, 29 julho 2020. Disponível em parte I https://www.instagram.com/tv/CDPXnrviQBC/?utm_source=ig_web_copy_link e Parte II <https://www.instagram.com/p/CDPcRGoFV4f/>. Acesso em: 28 set. 2020.
- DALY, Clorys Mary Rodrigues Wisnerowicz. *Espera Feliz. O Circo de Marionetes Bem-Me-Quer e suas Andanças*. Jaguará do Sul: Design Editora, 2019.
- _____. Associação Brasileira de Teatro de Bonecos (ABTB) *Móin-Móin - Revista De Estudos Sobre Teatro De Formas Animadas*, v. 1, n.13, p. 14-027, 2015a.
- _____. Entrevista concedida a Antônio Carlos Bernardes. CBTIJ Centro Brasileiro de Teatro para Infância e Juventude, Copacabana, 8 dez. 2015b. Disponível em <https://cbtij.org.br/34469/>. Acesso em: 28 set. 2020.